

Iracemarias

Dodora Guimarães

Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela UFC. Curadora de exposições de arte contemporânea e tradicional no país e no exterior.

Destas guerreiras de sutil singeleza, pode-se dizer que elas encarnam o mistério da criação. É isso, afinal, o que elas praticam e que reinventam para domar o tempo e ampliar seus espaços. Essas Marias, que iniciam vidas nas mãos, tecem, com singular desenvoltura, uma obra delicada e muito particular no campo da arte tridimensional, na efervescente, e incomum, Juazeiro do Norte, no Sul do Ceará.

Como no tempo fílmico dessa cidade movida pela mística do Padre Cícero, as ceramistas Maria de Lourdes Cândido (M.L.C), Maria Cândido Monteiro (M.C.M) e Maria do Socorro Cândido (M.S.C.), exercitam na lida com o barro primordial o sopro vital, expandido para além das evidências de suas criações artísticas.

O caráter emblemático dos “Temas”, como elas denominam estes seus relevos pintados em pequenas placas retangulares ou arredondadas, é surpreendente, inclusive por suas noções de perspectiva, como, certa vez nos chamou a atenção o pintor Maciej Babinski, impressionado pela solução do agrupamento de figuras no plano frontal de uma Santa Ceia, e de outros “Temas” expostos no Memorial da Cultura Cearense, no Centro Dragão do Mar, em Fortaleza.

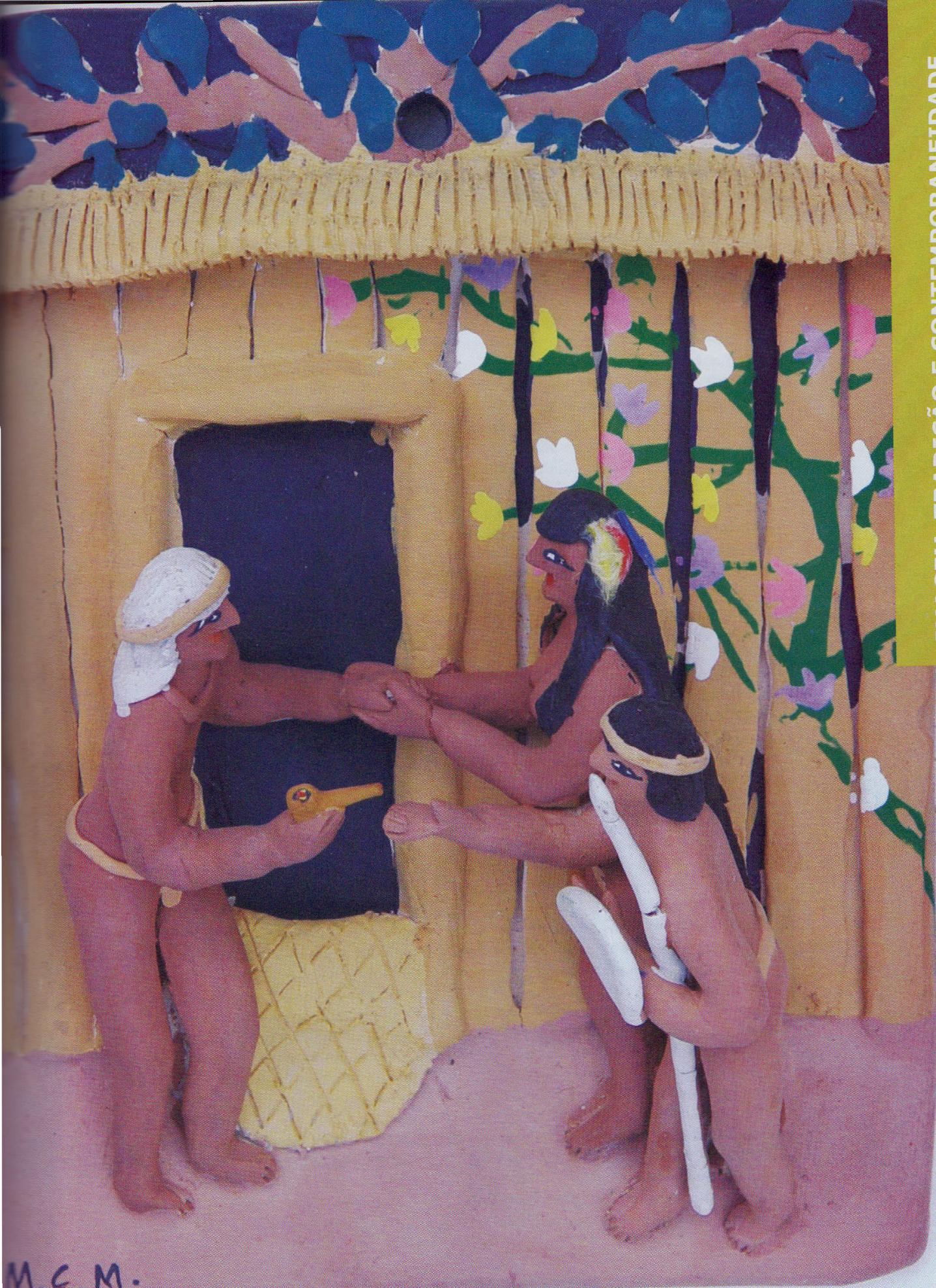
Representando cenas do rico imaginário da cultura tradicional do Cariri cearense, ou do universo mítico-religioso de Juazeiro do Norte, ou ainda, da cultura de massa, pouco importa, o tom pessoal e inconfundível das autoras é, soberbamente,

marcado, pela sinceridade das expressões estampadas nas faces de seus personagens, em perfeita sintonia com seus papéis na “quadratura” temática. Não obstante o assunto ser um pretexto para o vasto exercício de criatividade, suas narrativas emergem com toda a alma necessária para dar vulto à idéia. Tais qualidades estabelecem com o interlocutor uma relação de envolvimento e sedução.

Ah, Juazeiro! O cotidiano de suas três Marias é permeado de aspirações muito simples e, no entanto, tão difíceis de se realizar. Mirando numa cena de qualquer um de seus “Temas”, encontramos aquela porção de sonho, que de tão adormecido na mente, jamais lembramos que possuímos. Será por isso que eles nos tocam tanto? Por falarem diretamente com os nossos sentimentos, com nossas aspirações mais resguardadas? Ah, Juazeiro, guarde bem estes seus encantos!

Num diálogo intenso, que além de rito de sobrevivência é, exercício, também, de transcendência, as Marias, como são conhecidas, concretizam nestes seus “Temas”, vivências, carências, desejos.

Na quietude da casa-oficina, pelo toque de seu João, marido de Lourdes (M.LC) e pai de Maria (M.C.M) e Corrinha (M.S.C), que bate e amassa o barro, elas dispõem da possibilidade de fazer possível o amor impossível, porque afinal, tudo “está na mente”, como lembra Lourdes, acrescentando: e ao “alcance das mãos”. Do mesmo modo que podem viabilizar o desconhecido em



amigo íntimo, como o mar nunca visto, mas, imaginado que colocam à sua frente, na extensão de seus dedos, feito mágica, fazem jorrar água, fartura, alegria na superfície da placa, plasmando nela um mundo que só conhecem no cordel ou na novela. Nesse jogo de transferências ou apropriações, tudo é possível, acessível, palpável, aliás, modelável, bastando para tanto um punhado de barro.

Nesta visão de mundo inédita e singular, todas as figuras representadas nos "Temas", independentemente de raça, cor, sexo ou classe social, são tratadas por "nego", não importa quem – todos são "negos". Essa generalização é muito interessante. Ela remete a uma situação de jogo, de brincadeira infantil, de profunda intimidade não só com a matéria, mas com o seu conteúdo, com o seu espírito. Uma análise desse ponto de vista, permite-nos dizer que estas guerreiras Cariris reinventam seus cotidianos nestes diários tridimensionais, agradavelmente legíveis, escritos com toda a clareza possível.

Na observação de seus trabalhos, pegando como exemplo um Pavão Misterioso de Maria Cândido (M.C.M), de 2003, as imagens do casal montado no pássaro, o sobrevôo na relva, o colorido do grupo, a harmonia do conjunto, tudo é magistral; os muitos olhos da cauda e das asas do pavão nos orientam para a essência do discurso que encerra o absolutamente necessário, dito com a devida ênfase no tempo certo: leve, versátil e veloz... A partir de estratégias como essas, artistas da envergadura dessas Marias subvertem a lógica que divisa a arte em dois blocos, o da alta cultura e o de extração popular. E Agora?

Atendo-se ao mundo mágico das representações aqui focadas, que poeticamente vimos tratando como aflorações das palmas das mãos de nossas "Iracemarias", reconheça-se que elas emergem, assim, cristalinamente, após um longo percurso, em torno das mentes indomáveis das autoras. Circunscrevendo um misterioso périplo, onde certamente a imaginação atua como um combustível poderoso, tensionado pela razão, o outro móvel influente e decisivo

desta passagem está onde o intangível ganha forma, matéria, densidade. Mas, será só isto o mistério da criação?

Distribuídas ao longo de planos frontais, como planos de quadros, reforçados inclusive pela força pictórica do fundo do relevo, estas obras trazem para a arena da arte dita popular uma narrativa extremamente interessante, provocadora mesmo. Frente a alguns destes relevos, como a releitura da Porta do Inferno, de Rodin, feita por Maria Cândido Monteiro (M.S.C), de 2002, ficamos a imaginar os tão distintos meios expressivos da escultura contemporânea. Como não pensar em Matisse frente a estas figuras que se lançam no espaço com tal leveza e volúpia? Como não evocar os que vieram antes das conquistas que hoje experimentamos? Ousamos, também, arriscar que sem estas frestas emanadas pela seiva popular não há inovação prenhe de futuro.

Uma contribuição importante dessas mestras de Juazeiro à arte atual, por exemplo, é o fato lembrado por Sérvulo Esmeraldo, "de que num espaço (do suporte) muito pequeno para ser tratado como escultura, elas conseguem aumentá-lo, com energia e dinâmica, ultrapassando o espaço do relevo, deslocando-o para o estágio da escultura".

Dividindo o espaço da casa com a oficina, ou da oficina com a casa, como talvez seja mais válido dizer desta casa que não dorme porque tem sempre barro esperando e "abelha" trabalhando, as três artistas orquestram, atualmente, uma plêiade de aprendizes, todos familiares e mais jovens, que acrescentam, cada um a sua maneira, um ponto na produção das Cândido, como também são conhecidas estas artistas da Rua Boa Vista, 55, Centro, de Juazeiro do Norte. Os menores fazem pequeninas peças, os maiores e mais experientes desenvolvem repertórios próprios, como Fábio, cujo estilo já se diferencia das tias e da avó Lourdes (M.L.C), permitindo-se a uma investida forte.

Aliberdade criativa desenvolvida nesta oficina é surpreendente. Como igualmente

seus métodos de trabalho. As três Marias, por exemplo, têm uma noção muito clara de suas propriedades temáticas. E ninguém entra na seara do outro. A Via Sacra, por exemplo, é de Maria (M.L.C), Santo Expedito é de Elias, e assim por diante.

Maria do Socorro Cândido (M.S.C), a Corrinha, autora de uma série magnífica feita a partir de estampas de pinturas de Eckhout, articula uma narrativa escultural descomedida, com parcos meios, movida sobretudo, por sua grande sensibilidade criativa. Essa força incomum que as distingue, revela ainda outra proeza destas artistas, como a rara liberdade que lhes é peculiar. Desenvolvida, disciplinada e regrada, talvez, pela necessidade do trabalho constante. Ou pela vontade de potência latente na alma feminina da tríade. Releituras, encomendas, encargos, tudo é motivo de expansão criativa para elas.

Diferentemente de suas vidas, evidentemente, as existências engendradas nos "Temas" são plenas de sentidos, e, ironicamente, cheias de prazer. De um certo prazer que as autoras só encontram no mundo mágico da criação que, para elas, ganha o sublime nome de trabalho, de luta de sobrevivência ou ganha-pão.

Expandindo os "emes" das palmas de suas mãos, distendendo-os em outras marcas, gerando outros tantos destinos a partir do barro original, as guerreiras Marias se projetam até onde levam seus pensamentos.

Voláteis, voluptuosas, versáteis, e reafirmando-se, velozes, elas dão cambalhotas na técnica que aprenderam a dominar. Aliás, a domar, posto que a tratam com tal leveza que o resultado no quesito apreensão é imediato, deixando o espectador em estado de graça. Por que compreendendo, sem artifício ou tradução, a linguagem refinada da arte.

Trabalhada sutilmente, como meio de expressão, como liga entre a idéia e a matéria, na sinuosa operação da transcendência do real para o sonho, ou vice-versa, a técnica é mais que ferramenta, para as artesãs

Marias – desse ponto de vista elas são verdadeiras artesãs - ela é o próprio trabalho. E como tal, seus "Temas", absolutamente originais, não apresentam nenhuma "fadiga de corpo", relembrando Leonardo da Vinci.

A gênese embutida no barro – o "barro" formador do primeiro homem, é atualizada permanentemente nas suas idéias-pensamento, na coerência de seus fazeres.

Iniciadas pelo viés da brincadeira, as irmãs Cândido, falamos agora de Lourdes (M.L.C) e de suas irmãs Cícera Fonseca (Ciça) e Maria José (Zezé), também ceramistas de mão cheia, filhas de agricultores do Sítio Gavião, antes do estabelecimento no bairro Tiradentes (local de onde até hoje arrancam o barro), começaram nesta arte modelando "caiqueiras", ou miudezas de louça e bichinhos de brinquedo, aproveitando restos de barro do tio, João Cândido de Lira, reconhecido mestre louceiro.

E de fio em agulha, o que era brincadeira virou ofício, e do quintal as meninas partiram para o comércio dos trabalhos nas Feiras semanais, até chegarem cada uma ao nicho próprio, como a Ciça nas "Máscaras" e Zezé e Lourdes nos "Temas", como produções de maior evidência.

Maria Cândido e Maria do Socorro, filhas de Lourdes, portanto vêm dessa linhagem artística gerada pela cultura do pote, exemplar de nossa artesanaria, tecnicamente engenhosa, ao lado da rede e dos trançados, para ficar na contribuição ameríndia e de alta tecnologia. Além do belo design, o know-how dos mestres que sulcam intencionalmente as paredes do pote, aumentando ou dobrando sua superfície para manter a água fria, mesmo no tórrido sertão, são incorporados na engenharia genética destas "iracemas", com certeza. Herança, esta, devidamente processada. Não só com talento e determinação, mas com acréscimos.

Embalada na poética do romance alencarino que finaliza com a famosa frase: "Tudo passa sobre a terra", Maria Cândido Monteiro (M.C.M), desenvolveu a série Iracema, composta de 19 cenas, extraídas

deste que considera “emocionante” e que acredita tratar-se de “uma estória de amor impossível vivida pelo autor”. Fiel à sua interpretação, o “Tema” que inicia ou finda a série – pouco importa seu lugar, desde que seja visto como o “primeiro” ou o “último” – é justamente a “filha dos Tabajaras” de mãos dadas com “José de Alencar”, saindo da mata, entre palmeiras, numa cena comvente, maravilhosa, dramática, inclusive pela instantaneidade da mensagem.

Esta precisão discursiva, que nos deixa em estado de graça, se repete nos demais relevos de contornos e volumes suaves. Como alegoria do romance indianista, além da verdejante paisagem de fundo, de tons terrosos, a acentuar a volúpia e a transparência das figuras, a pureza quase etérea de penas de aves claras como vestimentas da “virgem dos lábios de mel”, aplicando o mesmo artifício em algumas cenas do amado esposo, Martim Soares Moreno, o guerreiro branco que ironicamente é representado como um selvagem, desnudo.

O encanto ainda vive no coração dessas Marias para quem a arte não perdeu seu

mistério, nem a sabedoria. E neste exercício de magia, e de raro conhecimento, elas nos conduzem para além, muito além do breve tempo.

A bordo de suas visões sonhamos como elas, fazendo da vida um filme, vindo só o que queremos, do ângulo que desejamos. Talvez por essa visão especular, Regina Silveira escreveu:

“Adoro essas cenas complexas* que elas conseguem montar com as figuras de barro. São quadros com ações congeladas, narrativas suspensas no tempo, quase cinematográficas... As perspectivas são ainda mais especiais: perspectivas do tipo “vol d’oiseau”, sempre com um grande “plano de terra”- que é o campo onde as Marias costumam dispor a cena principal. Em muitas dessas cenas tridimensionais a perspectiva está rebatida e se “abre” consideravelmente ao ângulo de visão do espectador. Frente aos seus trabalhos, o espectador de fato se sente voando e olhando a cena desde o alto, tal como a veria este pássaro que é o suposto sujeito desta refinada perspectiva.”

